

O Profmat já não é o que era?

Do programa do Profmat 2006 constavam três *Conferências Plenárias*, um *Painel Plenário*, três *Conferências Debate*, 22 *Conferências*, seis *Painéis*, dez *Grupos de Discussão*, 38 *Comunicações*, 31 *Sessões Práticas*, cinco *Apresentações de Projecto*, uma *Apresentação de Materiais*, cinco *Sessões Especiais* e três *Prós e Contras*. Os números valem o que valem, mas ter mais de uma centena de propostas em três dias para os participantes daquele que foi o 22º Encontro Nacional de Professores de Matemática, a mim, como sempre, parece-me obra. Realizaram-se exposições para o evento, pensou-se num programa cultural e noutra de acompanhantes, decorreu mais uma Assembleia Geral de sócios, houve eleições para a Direcção da APM e o já habitual jantar. Acrescenta-se isto ao facto de, nos dois dias anteriores ao início do Encontro, terem funcionado 13 cursos de formação e já se fica com um panorama razoável da iniciativa. Quanto ao trabalho, empenho, entusiasmo, profissionalismo, imaginação e generosidade com que tanta gente contribuiu para a sua realização, não há como contabilizar... e essa é, quanto a mim, uma das maiores riquezas que caracteriza e continua a nortear a acção da Associação de Professores de Matemática.

Quando o programa chegou a casa senti, uma vez mais, o frémito de antecipação que sempre me provoca. Também não foi a primeira vez que senti o gosto agridoce de haver tanta coisa a que gostaria de assistir e ver-me impossibilitada de fazê-lo, por haver sessões simultâneas. Não quero ser mal interpretada: na minha opinião, é assim mesmo que deve ser. Muito triste fico quando não encontro nada que me interesse ouvir ou discutir, num qualquer período do Profmat. Porém, é inevitável um certo sentimento de contrariedade e de indecisão.

Para mim, este tempo começou na 2ª feira, 13 de Novembro. Nesse dia e no seguinte participei no curso *Funções e Cálculo Diferencial com o GSP*, com António Bernardes como formador. A ele devo o entusiasmo e a dor de cabeça que me acompanharam desde as 9.30 da manhã e que não me abandonavam às 17.30 quando, a caminho de Lisboa, eu e a Sofia Trindade ainda discutíamos como “fabricar” no GSP um relógio que desse correctamente as horas...

O Profmat em si, esse, iniciou-se no dia 14, no final da tarde, ao som do piano de Mário Laginha. Que maravilha, se exceptuarmos alguma fúria fotográfica dos espectadores! Felizmente, nem os flashes em cima do pianista perturbaram o seu óptimo desempenho.

A sessão de abertura fez-me saber que temos um “problema de resultados escolares” e que esse “é o único problema que merece que lhe dediquem atenção”, porque “todos os outros desaguam nesse”. As palavras são de Valter Lemos; os sublinhados meus para, de algum modo, marcar o espanto que senti ao ouvi-las. Por vezes, como dizia o poeta, há em mim um cansaço. Cansaço de lutar todos os dias por uma



melhor escola e um melhor ensino e, em todos eles, tropeçar nos que, sem a legitimidade devida, não se coíbem de dar uma lição aos professores, ou uns conselhos e (porque não?) fazer umas críticas.

Sigamos, para a primeira conferência plenária, de Lurdes Figueiral. *Com memória e esperança*, guiados pela voz da conferencista, revisitámos o passado, caracterizámos o presente e começámos a projectar o futuro. Vinte anos de APM. De facto, eis-nos chegados à idade adulta. Numa intervenção recheada de história da Associação, com fotografias das caras de gente que contribuiu para a sua criação e afirmação, onde a poesia nunca faltou, transmitiu-me determinação, confiança e esperança. Determinação para enfrentar os desafios, confiança por saber-me acompanhada neste projecto e esperança por ver que a APM e os professores já venceram muitos obstáculos e fizeram vingar boas ideias.

A conferência debate a que assisti a seguir, *Problemáticas curriculares na disciplina de Matemática: um confronto entre os programas para o 3º ciclo do ensino básico de cinco países europeus*, foi da responsabilidade de Henrique Guimarães. O estudo comparou Portugal, Espanha, França, Irlanda e Suécia, com base em documentos oficiais de incidência curricular. Fiquei com muitas ideias em mente e uma delas partilho convosco, à semelhança do que o conferencista fez na altura. Diz-se que Portugal recebe mais dinheiro para a educação que os outros países e é verdade. Mas... há quantos anos? Como bem lembrou o Henrique, “a escolaridade obrigatória em Portugal tem 20 anos. Na Suécia tem 200. É uma ilusão pensar que não se precisa de tanto dinheiro.”

À tarde participei na sessão prática em que me tinha inscrito, *A dimensão transversal da língua de ensino: o Português e as outras disciplinas*. A dinamização foi de Luísa Solla, trabalhei com entusiasmo e só fiquei triste por verificar que houve vários inscritos que não compareceram.



Ainda houve tempo para uma visita às bancas e dar um salto à sessão especial da *Educação e Matemática*, intitulada *Matemática e Tempo: Número temático de 2006*. Nesta altura não vale a pena dizer quão bonito ficou este número, porque já o receberam em vossas casas e tiveram ocasião de verificar isso mesmo com os próprios olhos. Quem sabe se vos deu alento para enviar um artigo para a revista ou de desafiar os alunos a trabalhar o tema do Tempo, num projecto com matemática?

A 5ª feira começou com a conferência plenária de Isabel Alarcão, *Nós, professores, e a nossa envolvente sócio-político-cultural*, donde segui para o grupo de discussão *Manuais escolares: São mesmo importantes?*, determinada a lançar algumas ideias revolucionárias na sessão de Manuel Vara Pires. Abstenho-me de escrever aqui a minha posição quanto aos manuais, mas podem-na encontrar clicando em "Fórum" na página de internet inicial da APM, onde eu e o Eduardo Velloso dinamizámos, em tempos, uma discussão.

Não almocei, para poder assistir ao segundo *Prós e Contras*. Ana Vieira e Jaime Carvalho Silva iniciaram e provocaram na assistência o debate sobre a mesma matemática para todos os alunos ou matemáticas diferentes. Admirei o formato e penso que resultou muito bem. Até a ampulheta ajudou a compor o cenário.

Bem tentei, uma vez mais, resistir mas confesso que não fui capaz. Obediente à atracção fatídica, foi com passo acelerado que me dirigi ao anfiteatro onde decorreu a conferência *Divagações Matemáticas*. Quem ainda não descobriu quem foi o conferencista, terá de satisfazer a curiosidade no programa. Só adianto que ainda oiço o aplauso estrondoso de uma sala cheia até às costuras...

Fiz uma pausa para lanchar e ir ao hotel pôr a boina: é dia de assembleia. Discutiu-se, sobretudo, a preparação e duração do ano temático e futuras datas de Profmat.

A noite foi de festa. Ao jantar, juntou-se música ao convívio. Os criadores do novo hino da APM cantaram-no a plenos pulmões e poucos resistiram a juntar-se ao coro da ESE de Setúbal, no refrão. A alegria, a energia e a criatividade deles são indizíveis. Tal como a emoção que senti ao ouvi-los.

Chegada a 6ª feira, foi a vez de assistir à conferência plenária de Susana Carreira, *Do castelo de Marvão à cidade do Sado: Trilhos e caminhos da Matemática na Escola*. O painel seguinte, *A carreira docente e a mudança de regime*, até começou com boa disposição, que senti abandonar-me à medida que ouvia o que contrapunha Odete João, deputada pelo PS, ao que defendiam quer Fernando Nunes quer José Matias Alves.

Antes do encerramento do encontro, ouvi Adelina Precatado, Elisabete Caramelo e Henrique Neto intervirem, num painel plenário, sobre *A escola de hoje: dificuldades, sucessos, representações e desafios*. Talvez um pouco injustamente, a minha memória recorda sobretudo o toque insistente do telemóvel do empresário, que não se coibiu de atendê-lo por duas vezes. Pareceu-me adequado, dadas as críticas que estava a tecer à educação dos jovens de hoje.

Chegou ao fim. Ainda por cima sem o consolo habitual: a certeza de participar no próximo encontro, que se realiza em Novembro de 2007, nos Açores, na ilha Terceira. Se o Profmat ainda é o que era, não sei, mas cada vez será mais difícil defender a sua realização em tempo lectivo. Felizmente, para mim, que deixarei de ficar dividida entre a vontade de ir e a de ficar a trabalhar com os meus alunos.

Sónia Figueirinhas
EB 2, 3, Roque Gameiro